

# O LUGAR DA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA NAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS

Rafael Magno de Paula Costa (UNESPAR/SEED-PR/ABRAFIL)<sup>1</sup>

## RESUMO:

O trabalho investiga o lugar ocupado por Rubem Braga como mestre da crônica na história da literatura brasileira. Desse modo, elencaram-se os principais nomes da historiografia literária brasileira, como Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Luciana Stagagno Picchio, José Aderaldo Castello e Carlos Nejar, para efetuar-se uma análise quantitativa no sentido de mensurar qual o tratamento dispensado à crônica de Rubem Braga. Por último, analisou-se a importância da crônica do capixaba por meio do trabalho *Duas ou três páginas despreziosas*, de Luiz Carlos Simon, e sua importância para a história da literatura brasileira.

Palavras-chave: Crônica, Rubem Braga, História Literária, Literatura Brasileira.

## THE POSITION OF RUBEM BRAGA'S CHRONICLE IN THE HISTORY OF LITERATURE

## ABSTRACT:

This work search the busy position by Rubem Braga as master of the chronicle in the History of Brazilian Literature. So, it was listed main names of the History of Brazilian Literature, as Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Luciana Stagagno Picchio, José Aderaldo Castello e Carlos Nejar, to quantitatively analyze and to measure what is the treatment provided to Rubem Braga's Chronicle. Lastly, it was analyzed the Braga's chronicle importance, also by means of work *Duas ou três páginas despreziosas*, by Luiz Carlos Simon, and his importance for History of Brazilian Literature.

Key-words: Chronicle, Rubem Braga, History of Literature, Brazilian Literature.

---

1- Professor de Literatura Ocidental do Colegiado de Letras da Unespar (Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranaguá). Professor de inglês da SEED-PR (Secretaria de Educação do Estado do Paraná). Sócio correspondente da ABRAFIL (Academia Brasileira de Filologia). Email: [rafaelmpc82@hotmail.com](mailto:rafaelmpc82@hotmail.com)

Rubem Braga ganhou reconhecimento na Literatura Brasileira principalmente como o escritor que se dedicou exclusivamente à crônica. A crônica enquanto gênero tratado nas histórias literárias, ao menos relativamente, parece ainda não gozar do mesmo reconhecimento ou prestígio de outros gêneros, como a narrativa, a dramaturgia e a poesia lírica, frequentemente considerados gêneros maiores. Apesar disso, Braga ganhou grande destaque e projetou-se por meio da crônica, dedicando os anos da sua carreira exclusivamente ao gênero. No entanto, as histórias literárias ainda expõem o gênero e o autor de modo discreto e tímido, carecendo de considerações mais abrangentes, profundas ou ainda complexas.

Por isso, no que segue, investigaremos e analisaremos comparativamente como as histórias literárias apresentam ou compõem o lugar de Rubem Braga na história da literatura brasileira. Importantes trabalhos de historiadores literários, como Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Luciana Stegagno-Picchio, José Aderaldo Castello e Carlos Nejar, servirão para compor a análise conseguinte. Assim, perscruta-se, por um viés quantitativo, o modo como a produção literária de Rubem Braga é exposta nas histórias literárias, ou seja, mais exatamente mensura-se em quantas páginas de cada um desses trabalhos mencionam a crônica do autor capixaba.

Afrânio Coutinho, no volume 6 de *A Literatura no Brasil* menciona Rubem Braga pela primeira vez. No capítulo 57 de sua extensa obra, intitulado “Ensaio e Crônica”, Coutinho destaca a importância de Rubem Braga como o escritor que entrou para a história literária unicamente como cronista: “De todas as figuras de cronistas contemporâneos aquela que mais atrai a admiração é Rubem Braga, o escritor que entra para a história literária exclusivamente como cronista” (Coutinho 2004: 132). Coutinho, em parceria com seu filho Eduardo de Faria Coutinho, dedica 25 páginas de estudo à crônica, mencionando Rubem Braga em um brevíssimo parágrafo. O parágrafo segue sequencialmente a citação anterior:

Sua técnica é dar pouco apreço aos fatos do mundo real e muita vez os escolhe como simples pretexto para a divagação pessoal. É seguramente o mais subjetivo dos cronistas brasileiros. E o mais lírico. Muitas de suas crônicas são poemas em prosa. Apresentando a originalidade de uma imaginação poética e erradia. Rubem Braga, em seu lirismo, escreve sem ornatos e alcança às vezes a simplicidade clássica, numa língua despojada, melódica e direta. (Coutinho 2004: 132-133)

Coutinho tece breves considerações de natureza estilística, apresentando Rubem Braga como mestre da crônica próxima do poema em prosa, destacando seu lirismo e subjetivismo. As considerações sobre Rubem Braga, em *A Literatura no Brasil*, não ultrapassam o simples campo da apreciação crítica. No entanto, a mesma citação estabelece uma comparação do gênero crônica com outro gênero, neste caso, a poesia lírica. Ao evidenciar esse traço de Rubem Braga, Coutinho aproxima sua produção ao gênero lírico. Por outro lado, tal evidência demonstra como a crônica ainda era vista como um gênero subordinado a outro, isto é, a lírica.

É importante considerar também que essa aproximação da crônica aos outros gêneros é prática comum a muitos estudiosos que entendem-na como uma produção que mescla determinados traços herdados de outros gêneros. Na época de Afrânio Coutinho, a crônica ainda era vista muito atrelada ao jornal e foi somente com nomes fortes da literatura, como Drummond e Rubem Braga, que o gênero começou a ganhar o estatuto de texto literário. Isso explica porque seria difícil elaborar uma teoria sobre a crônica sem levar em consideração o seu diálogo com outros gêneros, visto que as ideias sobre uma teoria do gênero crônica ainda eram incipientes.

Quando Coutinho elaborou os seis volumes de *A Literatura no Brasil*, já era contemporâneo a Braga, o que, de certo modo, evidencia o porquê de tão breves considerações sobre o cronista. Pelo fato de ainda estar produzindo e não ter um distanciamento histórico considerável, isso pode explicar as razões da brevidade de análise das obras de Rubem Braga por parte do historiador literário. Por outro lado, a produção de Braga, já na década de 1950, era considerável merecendo, portanto, uma análise mais acurada que apenas um parágrafo. Entretanto, é preciso reconhecer que a história literária de Afrânio Coutinho inaugura uma reflexão sobre a crônica enquanto gênero próprio e, conseqüentemente, trazendo uma abordagem importante, mesmo que breve e sucinta, sobre Rubem Braga.

Alfredo Bosi também figura como um dos mais importantes historiadores literários do Brasil. Sua *História Concisa da Literatura Brasileira* já conta com mais de 50 edições e permanece como uma importante referência aos estudos literários. Por conseguinte, há que se ressentir pelo fato que esse trabalho omite o importante gênio de Rubem Braga. Não apenas Braga está ausente, como uma abordagem mais significativa sobre o gênero também. Contudo, é preciso salientar que essa ausência pode ser explicada devido à abordagem de Bosi que, por sua vez, não dedica nenhum estudo voltado para os gêneros. Bosi aborda sua história a partir da perspectiva dos estilos de época, mencionando os autores de acordo com o estilo e o momento histórico

aos quais pertenciam ou estava relacionados.

Por outro lado, Rubem Braga mereceria estar contemplado no sétimo capítulo intitulado “Pré-Modernismo e Modernismo”, mas, possivelmente pelo fato de o artista ter se dedicado exclusivamente à crônica, foi deixado de lado, não sendo mencionado uma única vez. Nessa obra, os gêneros em si são raramente mencionados de maneira isolada e mesmo a crônica quando se refere aos outros grandes cronistas do passado, como José de Alencar, Machado de Assis, João do Rio ou Mário de Andrade, passa despercebida. Esses autores são mencionados em referência às suas outras produções que não a crônica, o que demonstra um desprezo pela produção.

Assim, a explicação da ausência de Rubem Braga no trabalho de Alfredo Bosi provavelmente se dê em razão de não ser dada a devida importância ao gênero. A crônica, quando do lançamento de *História Concisa da Literatura Brasileira* em 1970, já gozava de prestígio considerável como gênero literário, mesmo quando ainda era associada ao jornal, principalmente após os grandes cronistas do Modernismo, como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e, especialmente, Rubem Braga. Portanto, a explicação possível para tal ausência, dentro de uma importante história literária como a de Bosi, se dá pela pouca ênfase dada ao gênero. Sobre isso, Luiz Carlos Simon coloca:

Por que estudar a crônica, se ela não faz parte da literatura? Ou porque estudar crônica, se ela é um gênero menor? Por que estudá-la, se ela não suporta releitura? Por que estudar Rubem Braga, se ele não citado uma vez sequer por um respeitado historiador da literatura como Alfredo Bosi? (Simon 2011: 65)

Com efeito, a crítica de Simon se dirige à ideia, ou visibilidade, da crônica como gênero menor, sendo ignorada por um importante crítico como Alfredo Bosi. Mesmo Rubem Braga sendo um escritor reconhecido pela crítica, principalmente por ter se dedicado exclusivamente à crônica, isso não foi o suficiente para que Bosi o considerasse e o incluísse em seu trabalho.

Luciana Stegagno Picchio, outra historiadora literária, publicou pela primeira vez em 1997 a sua *História da Literatura Brasileira*. Diferente de Afrânio Coutinho e seus colaboradores, Stegagno Picchio publicou essa história em volume único. Nessa obra, a crônica, especificamente, ocupa das 711 páginas apenas duas páginas e meia, mesclada a outros gêneros. O capítulo décimo quarto traz um subcapítulo com o título “As escolhas da prosa literária brasileira: romance, conto, “novela”, crônica, memórias”. O próprio título do subcapítulo aponta para uma análise breve e sucinta em que a crônica

é abordada em conjunto aos outros gêneros narrativos, quando, por outro lado, a crônica nem sempre pode ser vista apenas como “narrativa”, visto que o gênero possui uma flexibilidade que lhe é própria.

Rubem Braga, por sua vez, é apresentado em dois parágrafos. O primeiro o apresenta como um repórter e escritor do jornal *Diário da Tarde*, voltado exclusivamente à crônica, bem como uma pequena lista de suas produções. O outro parágrafo discorre sobre as características e estilo do autor:

A crônica de Rubem Braga nasce em torno de uma ideia, um acontecimento, uma tristeza ou uma alegria experimentada; e se constrói lentamente, em novelo, entretecida de períodos curtos, numa prosa líquida, francesa na sua polida, paratática, sintaxe. Mas, se a forma é cristalina, a história é economizada até o fim para que o leitor não perca uma gota do relato, nenhuma das ternas, confidenciais, revelações-comprovações desse cronista com antenas sensibilíssimas, recurvado sobre si mesmo como um Fernando Pessoa menos pessimista, mais confiante na vida e na solidariedade dos homens. Para quem queira conhecer o Brasil, um certo Brasil cordial e burguês, a crônica de Rubem Braga pode ser ainda uma forma de iniciação das mais agradáveis e estimulantes. (Stegagno Picchio 1997: 544)

Assim como fizera Afrânio Coutinho, Stegagno Picchio apresenta Rubem Braga como o artista que fez da crônica o terreno privilegiado e exclusivo de sua produção tecendo considerações de natureza estilística. Desse modo, Stegagno Picchio permanece com a mesma tendência em discorrer sobre a crônica de maneira breve e sem maiores análises ou reflexões. A apresentação de Rubem Braga também sofre por consequência desse ofuscamento do gênero que, portanto, também pode indicar o tratamento da crônica como um gênero de menor importância.

Em 1999 surgiu outra importante fonte histórica para os estudos literários. *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castello, conta com uma abordagem cronológica por períodos históricos, perpassando internamente pelos estilos de época e pelos gêneros. A crônica é abordada em capítulo próprio ao lado da memorialística no capítulo 23 do segundo volume. O subcapítulo é intitulado como “Produção literária do Modernismo: crônica e memorialística”. Só no segundo volume, a obra de Aderaldo Castello conta com 520 páginas. Da página 377 até 385, da primeira edição, a crônica é

abordada com exclusividade. Essas oito páginas tratam inicialmente da crônica enquanto gênero e também de alguns autores selecionados, como Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Esse último é abordado em apenas duas páginas desse trabalho.

Uma dessas páginas traz uma grande ilustração da coletânea *A Borboleta Amarela*, o que reduz o trabalho de análise, por parte de Castello, em apenas uma página. Uma página para discorrer sobre o imenso e extenso trabalho de Rubem Braga. Esse dado é importante por trazer uma reflexão sobre qual seria efetivamente o lugar da crônica de Rubem Braga, neste caso, no trabalho de Aderaldo Castello. Se colocarmos os dois volumes do seu trabalho, teríamos 960 páginas só de textos voltados para a exposição do estilo de época, gêneros, dos seus autores e suas obras. A crônica, de um modo geral, emerge com exclusividade em apenas oito páginas. Castello ainda apresenta certa dificuldade em reconhecer a crônica como um gênero singular quando frequentemente aproxima-a dos outros gêneros. Ao falar sobre o estilo de Rubem Braga, Aderaldo coloca:

Talvez explique porque muitas vezes procede como se compusesse página de **conto** ou **romance**, dada a grande densidade da pesquisa da alma humana. De fato ele é um grande narrador que compõe [...] um todo harmonioso, ou vários, sempre de acentuada unidade. (Castello 1999: 385 grifo meu)

Desse modo, o texto de Castello transmite uma noção de que a crônica não seria exatamente um gênero autônomo, mas um gênero em confluência constante com outros. No entanto, é preciso concordar que a crônica brasileira apresenta esse traço característico em seu *modus operandi*. Porém, Castello ao comparar a crônica de Rubem Braga ao conto ou ao romance arrisca-se em aparentemente dar à produção de Braga, ou mesmo à crônica de uma maneira geral, um lugar subalterno, ou ainda apresentá-la como um gênero menor.

Aderaldo Castello também reconhece Rubem Braga como o sujeito que consagrou o gênero. Ao reconhecer o grande cronista que foi Braga, Castello faz a seguinte colocação: “ele consagra o gênero como prosa poética, para não dizer **poema em prosa**” (Castello 1999: 383 grifo meu). Ao analisar o trabalho do cronista, Castello mais uma vez recai na comparação da crônica a outro gênero, nesse caso o poema. Dessa maneira, o estudioso evidencia uma análise redutora da crônica quando frequentemente apela para outros gêneros, neste caso a poesia lírica, apresentando também certa dificuldade em reconhecer a crônica como um gênero próprio. Pode-se argumentar ainda

que essa dificuldade surge, como já referido anteriormente, da crônica ser um gênero flexível e que dialoga com outros.

É preciso ponderar, contudo, que é possível abordar a crônica como um gênero consolidado e que, ao mesmo tempo, estabelece relação com outro gênero, sem reduzir sua importância. Rubem Braga, por exemplo, quando fazia suas crônicas conseguia dar a elas uma vida e riqueza própria, trazendo nuances líricas, sem ser exatamente “poema”, mas sendo indubitavelmente crônica. A crônica de Braga, nesse sentido, não pode ser colocada como poema, conto ou romance, justificada meramente pela dificuldade em se estabelecer critérios sobre a natureza do gênero. A crônica poderia ser reconhecida simplesmente enquanto crônica ou analisada por meio de recursos próprios do gênero, mesmo quando aproximada de elementos remanescentes de outros gêneros. O problema ocorre quando a crônica é reduzida a um gênero menor, subordinada aos outros, como o lírico, o narrativo, etc.

Carlos Nejar é outro historiador da literatura brasileira que, em 2007, publicou *História da Literatura Brasileira*, apresentando sua história literária de maneira mais concisa em um volume único, tal como Bosi e Stegagno Picchio. O gênero crônica, neste trabalho, ocupa 31 páginas das 540. Rubem Braga aparece logo no início, com um lugar de destaque no capítulo 32 intitulado “Cronistas da nova ficção, ou de como a ficção quer ser realidade”. Entretanto, dada a natureza breve do trabalho de Carlos Nejar, a obra contém apenas duas páginas e um parágrafo sobre o cronista, o que por sua vez representa um pequeno progresso em comparação aos trabalhos anteriores.

Nejar, a exemplo do que fizera Aderaldo Castello, enfatiza o traço lírico de Rubem Braga: “Vivia em estado poético, para não dizer que a poesia vivia cronicamente nele” (Nejar 2007: 429). Ele estabelece também uma relação entre a crônica de Braga e a poesia, transformando-a em prosa poética: “É um grande poeta que se alia a um maravilhoso prosador” (NEJAR 2007: 430). É importante frisar que esse detalhe, o traço lírico ou poético, é curiosamente retomado por grande parte dos críticos quando discorrem a respeito de Rubem Braga. Essa informação compartilhada por quase todos os críticos é um detalhe importante que auxilia no entendimento dos traços característicos deixados pelo cronista. Por outro lado, mais uma vez a exploração desses detalhes de Rubem Braga pode ser uma recorrência que aponta para a dificuldade da crítica literária em analisar elementos para além do lirismo.

Mais adiante, Nejar aponta Rubem Braga como o escritor que promoveu a crônica a um nível elevado: “Elevou o gênero literário da crônica ao nível de alta literatura, sendo o seu maior cultor” (NEJAR 2007: p. 430). Nejar reconhece em Rubem Braga como o sujeito que colocou a crônica lado a

lado aos outros grandes gêneros, configurando-a, portanto, como alta literatura. Embora Nejar considere Braga como alguém que tenha elevado o estatuto da crônica para o de alta literatura, é preciso ponderar que, de todos os críticos e por ser o trabalho mais recente, a *História da literatura brasileira* de Nejar explora aspectos já presentes em outras histórias anteriores, não trazendo, entretanto, maiores novidades daquilo que fizeram seus predecessores.

Vale a pena mencionar ainda o trabalho de Luiz Carlos Simon, *Dois ou três páginas despreziosas*, lançado em 2011, que traz uma abordagem profunda da crônica e também de alguns dos trabalhos de Rubem Braga. Porém, é preciso considerar que esse trabalho é mais especializado e voltado para a análise da crônica literária, suprindo uma deficiência ainda presente nas histórias literárias. Simon aborda temas diversos do cronista como, por exemplo, o amor, as paisagens urbanas, o público e o privado, a mídia, ou ainda o perfil do autor em suas crônicas. O trabalho é uma amostra da importância da crônica enquanto gênero e de Rubem Braga como um dos seus maiores cultores.

Dos quinze capítulos da obra de Simon, seis são dedicados a uma análise mais abrangente do cronista capixaba, trazendo temas e discussões diversas da sua produção: “Dimensões e valores em Rubem Braga”; “Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga”; “Paisagens urbanas: o cronista diante do público e do privado”; “Rubem Braga e as estrelas da mídia”; “Repercussões cinquentenárias de uma Viúva na praia: releitura da crônica de Rubem Braga”; e “O velho Braga: velho e inquieto”. O trabalho é resultado de pesquisas desenvolvidas pelo Professor Doutor Luiz Carlos Simon, contando com 303 páginas no total. O capítulo “Dimensões e valores em Rubem Braga” inicia-se na página 73 e o último que trata do cronista encerra-se na página 171. Quantitativamente totalizam 98 páginas de análises só sobre o cronista capixaba, o que evidencia a sua importância no âmbito da literatura brasileira.

Em última análise, a maior parte dos historiadores apresenta Rubem Braga de maneira breve e limitada, explorando traços característicos do seu autor, especialmente o lirismo, quando não caindo no simples discurso laudatório, evitando entrar em maiores detalhes da sua produção. A produção do cronista é vasta e riquíssima e, além do seu lirismo evidente, representa um marco do momento em que o jornal era o suporte inicial da crônica passando, por conseguinte, para o livro. Nesse sentido, é preciso reconhecer a contribuição de Rubem Braga no que concerne à elevação do gênero, demonstrada, por exemplo, no trabalho desenvolvido por Luiz Carlos Simon.

Ao se dedicar exclusivamente à crônica, Braga elevou o gênero à



categoria de alta literatura. Por essa razão, a evolução do lugar da crônica nas histórias literárias ainda está distante de representar um reconhecimento merecido ao gênero. Poucas menções e páginas escassas ainda marcam o lugar da crônica na literatura brasileira. Conclui-se que a crônica permanece em lugar pouco privilegiado e ofuscado por outras produções de gêneros mais prestigiados.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 51<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. [Consultada também a 3<sup>a</sup>. edição de 1985].
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade*. V 2. São Paulo: Edusp, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *A Literatura no Brasil*. 7<sup>a</sup>. ed. V 6. São Paulo: Global, 2004.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Redume Dumará: Copesul: Telos, 2007.
- SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas desprentensiosas: a crônica de Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: Eduel, 2011.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.